

# Os pesadelos e alucinações de uma rainha louca mas não tola

**Ópera.** Integrada no Festival de Almada, tem hoje (21.00) estreia absoluta no CCB (Peq. Audit.) 'A Rainha Louca', de Alexandre Delgado, encenada por Joaquim Benite. Também dias 10 e 12

BERNARDO MARIANO

Levou 15 anos a nascer esta *Rainha Louca*, mas aí está a segunda ópera de Alexandre Delgado (n. 1965): "Encontrei rapidamente a peça de Rovisco, que vira no Nacional, em 1987, e me deixara fascinado. Mas passei anos envolto no texto sem conseguir escrever uma nota." A razão atribui-a "à necessidade de encontrar a música certa". E esta era "um século XVIII imaginário, que aludisse sem ser *pastiche*, algo totalmente reinventado". Achada a música (2003), foram seis anos a compor esta obra sobre "o delírio e a alucinação" com fugazes aparições do salutar-um deles, a criada Rosa: "Ela é o contrapeso fulcral ao século XVIII hirtó de Henriqueta e aos mundos paralelos da rainha. É a pura natureza, o ser livre da ideia de pecado."

Componente essencial da partitura é a citação. Distingue: "Tudo o que remete para o século XVIII é inteiramente composto - excepção: uma citação da *Flauta Mágica*. Agora as citações são equivalentes musicais do texto, têm nele a sua motivação e estão celularmente ligadas ao material básico da obra. Nunca são como *objets trouvés*, estão sempre enquadradas", refere. Justifica-se: "As pessoas gostam de reconhecer coisas, é algo que lhes dá muito prazer." E promete "fazer um guia com todas as citações que pus aqui dentro!"

Dirige esta produção "para ficar tudo exactamente como eu quero". As quatro cantoras e a actriz foram "todas minha primeira escolha, o meu elenco ideal e cada papel foi escrito a pensar em cada uma delas como intérprete". Não



Para a rainha, a presença de Rosa (criada) ameniza o trato glacial de Henriqueta

## PRODUÇÃO

### Os protagonistas dentro e fora do palco

Em dois actos encadeados (duração: 75-80 minutos), *A Rainha Louca* baseia-se em *O Tempo Feminino* (1986), de Miguel Rovisco. Delgado dirige a *OrchestrUtopica* em versão *ensemble* de (13) solistas. O elenco é um quinteto feminino: sopranos Ana Ester Neves (rainha), Ana Paula Russo (Dama Verde) e Teresa Cardoso de Menezes (Dama Amarela),

*mezzo* Maria Luísa de Freitas (Henriqueta e Dama Encarnada) e a actriz brasileira Nilma Santos (Rosa). Participação adicional de cinco bailarinos. Do lado teatral, J. Benite é co-adjuvado por Jean-Guy Lecat (cenário, figurinos), Jean-Paul Bucchieri (coreografias) e José Carlos Nascimento (desenho de luzes). Demais récitas nos dias 10 (17.00) e 12 (21.00).

sente qualquer falta de um papel masculino, pois "identifico-me muito com o Strauss de *O Cavaleiro da Rosa*... é tão bom ter só mulheres, sabe muito bem! E foge ao estereótipo - e, depois, são todas sopranos muito diferentes".

Para Benite, é a terceira incursão em ópera, após *La Clemenza di Tito* (TNSC, 2008) e, justamente, *O Doido*... (Fest. Almada, 2009). O regresso a Delgado não é fortuita, pois, diz, "ele tem um enorme sentido do teatro e sabe escrever dramaticamente e para as vozes". Além disso, diz, "é um perfeccionista acabado, nada deixa ao aca-

## PERFIL



### ALEXANDRE DELGADO

Nasceu em Lisboa em 1965  
Compositor, violonista, musicólogo, programador, divulgador, conferencista, comentador  
Estudou composição com Joly Braga Santos e em França com J. Charpentier. Além de compositor, desenvolve ampla actividade como intérprete de música de câmara (Quart. Lacerda, Moscow Piano Quartet) e, aqui e ali, como maestro. É director artístico do Cistermúsica - Festival de Música de Alcobaca desde 2002 e colaborador da Antena 2, com o programa *A Propósito da Música*. Fez crítica musical no *Público* (condensada no livro *A Culpa é do Maestro*). Também activo na musicologia (sobretudo na 1.ª metade do século XX) e da musicografia, assinou o livro *A Sinfonia em Portugal* e foi co-autor da primeira biografia de Luís de Freitas Branco. Conferencista e comentador de concertos, é autor de versões portuguesas das óperas *A Flauta Mágica* e *Hänsel und Gretel*.

so e tem ideias muito claras, sabe muito bem o que quer da cena". Razão por que "é bom trabalhar e acaba por ser fácil encenar uma ópera dele". Mas Benite não deixou de "incluir umas referências à actualidade" e inventar um final que transporta (e abre...) esta obra até outras coordenadas...

*A Rainha Louca* é a parte II de uma "Trilogia da Loucura" iniciada com *O Doido e a Morte* (1993) e que terá a conclusão em *D. Sebastião*, a partir de Régio, "para cujo universo já estou a caminhar". Intenção última será "a apresentação da trilogia numa única noite".



Que fazer? (O Regresso) Um dos espetáculos mais aguardados

As produções em parcerias continuam a ser uma aposta do FITA. Também imposta pela necessidade de ultrapassar as limitações de um "orçamento ridículo", como diz Benite, comparativamente a outros festivais estrangeiros. "As pessoas acham que é um festival extraordinário, mas continuamos com os mesmos orçamentos de há dez anos. Uma organização artística como esta devia ser mais apoiada pelas instâncias oficiais".

A sua principal preocupação ao fazer a programação é "escolher espetáculos excecionais". É isso que garante mais uma vez, na convicção de que em matéria de festivais, como em muitas outras, o que importa é que "cada edição seja melhor do que anterior, mesmo que haja menos dinheiro". Como declarava, por outro lado, na apresentação do FITA: "Este ano, o Ministério da Cultura, essa coisa que já não existe, tirou-nos 150 mil euros. Mas estou habituado à resistência e houve um lado positivo desta crise. Apelo aos amigos, a uma rede de afetos, a uma teia de cumplicidades - feita de muitos centros, instituições culturais e companhias de teatro -, conseguimos uma das melhores programações de sempre, o que significa que é possível combater tudo quando se valoriza o capital humano, que é o mais importante".

#### PRODUÇÕES PRÓPRIAS

São 11 as estreias deste ano, quatro das quais da CTA. O "mestre" Bernard Sobel vem encenar uma peça de Bertolt Brecht, *Santa Joana dos Matadouros* (ver breve encontro). A cineasta e encenadora Solveig Nordlund, que em setembro irá estrear o filme *A Morte de Carlos Gardel*, primeira passagem ao cinema de uma obra de António Lobo Antunes, vai levar à cena *Do amor*, de Lars Norén (a 7, 8, 9 e 10, no TMA). O texto impôs-se-lhe pela sua natureza, mas também pelo facto de ser o último escrito pelo dramaturgo com que Solveig se iniciou nas lides da encenação. Além disso, assentava como uma lúva na temática do Festival das Artes de Coimbra, que co-produz o espetáculo. Juntou-se o útil ao agradável,

como adianta Solveig: "A peça é escrita como um guião cinematográfico, sendo um conjunto de cenas hiper-realistas, mas ligadas por uma teia de poesia. Foi essa mistura do poético e do naturalista que achei interessante". O título, aliás, diz tudo. É um espetáculo sobre o amor, a partir de cenas da vida conjugal de dois casais e a encenação irá evidenciar os contrastes do texto tal como os silêncios das personagens. Porque é através deles que se descobre o que está em cena.

Outra das estreias absolutas é a ópera *A Rainha Louca*, de Alexandre Delgado (a 8, 10 e 12, no CCB). Poder-se-á dizer que é um dos espetáculos mais aguardados, já que o compositor começou há 15 anos a trabalhar nesta obra, a partir da peça *O Tempo Feminino* do dramaturgo Miguel Rovisco, falecido precocemente na década de 1980. Finalmente, chega ao palco (ver entrevista), com encenação de Joaquim Benite. Não é uma estreia do encenador no campo operático, nem uma primeira incursão no universo da obra de Delgado de quem já dirigiu *O Doido e a Morte*. "Encaro a ópera sobretudo como um espetáculo teatral e é isso que me interessa mostrar", sublinha. Aplica também a esta *Rainha Louca* essa "conceção moderna da ópera" e apesar de enaltecer as virtudes dos cantores do elenco, rejeita a ideia de um espetáculo que seja apenas uma "exibição virtuosística de canto".

#### EXPERIMENTAÇÃO E POLÍTICA

Também se arrisca em produções mais experimentais e de grupos e criadores mais jovens. É o caso de *Nacional-Material, Paisagem Com Argonautas*, peça inserida no ciclo "Emergentes" do TNDM, onde irá estrear a 7, numa parceria com o FITA. Trata-se de uma criação coletiva do Teatro Meia-Volta que aborda a "integração de estrangeiros nos territórios de acolhimento". "Essa questão foi o ponto de partida, a que se juntou a figura de Medeia da tragédia enquanto estrangeira que vem de uma terra bárbara para a Grécia", adianta Alfredo Martins, diretor artístico do projeto. "Usamo-la como símbolo, metáfora

## Alexandre Delgado Uma ópera de um tempo imaginário

Manuela Paraíso

■ O projeto demorou 15 anos desde a sua génese - o tempo que mediou entre a estreia da primeira ópera de Alexandre Delgado, *O Doido e a Morte*, e a da segunda, *A Rainha Louca*, marcada para 8 de julho, no Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém, integrada no Festival de Almada. O tempo necessário para a maturação da ideia e do próprio estilo do compositor, que não rejeita a escrita tonal, considerando importante a partilha com o público, e que para esta nova criação assumiu também a escrita do libreto, baseado na peça de Miguel Rovisco *O Tempo Feminino*, e a direção musical, conduzindo a OrchestrUtopica. Vão ser três récitas, nos dias 8 e 12 às 21, e no dia 10, às 17, desta coprodução entre o CCB e o Festival de Almada que tem encenação de Joaquim Benite e dá à soprano Ana Ester Neves um dos papéis da sua vida, na pele de D. Maria I.

#### Jornal de Letras: O que mais lhe interessou no texto original e na figura de D. Maria I?

Alexandre Delgado: Apaixoname a personagem dela, é uma das mais comoventes, mais pungentes, da nossa História, de grande humanidade e fragilidade, mas vilipendiada pela historiografia republicana, desde o século XIX. Criaram-se lendas que não correspondem à realidade, ela fez muita coisa boa que foi esquecida, como a criação da Academia das Ciências, da Biblioteca Nacional, a primeira expedição científica à Amazônia - estava muito à frente



Alexandre Delgado

#### “ Apaixona-me a personagem de D. Maria, uma das mais comoventes e da nossa História

do seu tempo. É uma personagem de uma grande complexidade, a sua personalidade pode ir em milhões de direções, pode ser muitas pessoas radicalmente diferentes. Estamos sempre no fio da navalha entre as coisas muito cómicas e as trágicas, entre as comoventes e as ácidas. A parte cômica surge no 2.º ato, muito mais onírico, e corresponde às alucinações da rainha, que são três damas de sociedade que fazem um retrato da política portuguesa, de uma atualidade imorredoura e que parece que foi escrito no momento atual. Passa-se de um registo muito cómico, dessas damas, ao pungente da

D. Maria ou ao deslumbrante, quando ela conta as coisas mais fantásticas do seu reinado, como a construção da Basílica da Estrela, o seu símbolo máximo, quando fala do seu anseio de um mundo de beleza que nos leve.

#### Sendo esta uma ópera contemporânea, como inseriu na sua linguagem musical as danças de época como o minueto ou a gavotte?

Foi a primeira em que fiz um esforço para escrever num estilo doutra época, que no entanto tem pequenas peculiaridades de estrutura e modulação, impensáveis num minueto ou numa gavotte do século XVIII. É como um século XVIII imaginário. Além de que o 2.º ato está recheado de alusões a todo o meu universo musical desde sempre, como o *Quebra-Nozes*, a *Flauta Mágica*, Puccini, o *Scheherazade*, e até o cinema: aparece a *Aldeia da Roupa Branca*, e quando se fala do marquês de Pombal, aparece o tema do John Williams para o *Tubarão!* Qualquer pessoa com referências musicais vai identificá-las. E consegui incorporar tudo isso numa firma completamente orgânica.

#### Os ensaios têm decorrido de acordo com as suas expectativas?

Sim, embora por enquanto ainda sem a orquestra. O elenco é todo ele de sonho, fui eu que escolhi todas as cantoras. O papel da D. Maria, desde a primeira nota, foi escrito para a Ana Ester, que já tinha feito *O Doido e a Morte*, no São Carlos, em 1994. A Maria Luísa de Freitas tem duas personagens, uma que é o oposto da sua personalidade, a Henriqueta, dama de companhia gélida e seca, e também a Dama Encarnada, louca e sensual -- e ela desempenha muito bem as duas. A Ana Paula Russo está com uma frescura como se tivesse acabado de sair do Conservatório, é uma atriz consumada e a soprano coloratura por eleição, capaz de cantar nos píncaros dos agudos com a maior das facilidades. A Teresa Cardoso de Menezes e a Nilma Santos estão também ótimas nas suas personagens da Dama Amarela e da criada Rosa. ■

do estrangeiro". O espetáculo tem a forma de um "debate": "O dispositivo cénico é um grande quadrado de mesas, onde o público e os atores estão sentados em conjunto. Não há uma estrutura plateia-palco, há uma estrutura democrática", acrescenta. "Quisemos criar um espaço que não deixando de ser performativo, é também de debate público". Numa fase preparatória, o grupo trabalhou com alguns estrangeiros, residentes em Portugal, tentando compreender a sua realidade e a relação com as instituições portuguesas. Eles não entram em palco, mas as suas histórias estão presentes, num vídeo que

será projetado no final. "Permitimo-nos dar a nossa opinião, mas também fazer de advogado do diabo, lançando questões para se debater temas à volta da emigração, dando argumentos de um lado e de outro, para despertar a reflexão sobre estas questões", salienta ainda Alfredo Martins. "Quisemos encontrar argumentos não só legais ou ideológicos, mas sobretudo aqueles que têm a ver com a relação direta das pessoas com os estrangeiros. O teatro é um espaço de exercício estético, mas tem de ser também um espaço político, de confronto, debate e reforma de ideias".

A tónica política e de reflexão irá por certo marcar o FITA, porque a criação teatral não pode naturalmente ser indiferente ao mundo e, particularmente neste momento, à realidade que se vive na Europa e não só. Um dos espetáculos mais promissores, nesse sentido, será *O Judeu*, do dramaturgo inglês do século XVI Christopher Marlowe, um texto polémico que o Mundo Perfeito de Tiago Rodrigues irá levar à cena, numa co-produção com a companhia holandesa Dood Paard (ver breve encontro). Também promete *Overdrama*, um espetáculo da Mala Voadora, dirigido por Jorge Andrade.

Pouco depois de ter estreado em 1994 a ópera "O Doido e a Morte", a partir da farsa de Raul Brandão, Alexandre Delgado ficou com vontade de continuar explorar a loucura no universo do teatro lírico. Leu e releu dezenas de textos e ficou apaixonado por uma peça de Miguel Rovisco, "O Tempo Feminino", que tem por protagonista a rainha D. Maria I (1734-1816). Daí nasceu a ideia de compor uma nova ópera, "A Rainha Louca", que deveria

constituir a segunda etapa de uma Trilogia da Loucura que virá ainda a integrar "El Rei D. Sebastião".

"Quando li o texto do Rovisco, descobri que era exactamente aquilo que queria para a minha música. A personagem da D. Maria é de uma riqueza e complexidade incríveis", conta o compositor ao Ípsilon. "Não foi uma completa novidade, pois tinha assistido à estreia da peça no Teatro Nacional com a maravilhosa Fernanda

Alves a fazer a D. Maria. Identifico-me imenso com a obra do Miguel Rovisco, adoraria tê-lo conhecido."

Passaram mais de 15 anos até "A Rainha Louca" ver a luz do dia (um período em que Alexandre Delgado transformou a sua linguagem musical), mas a ópera terá finalmente a sua estreia esta noite, às 21h, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, numa co-produção com o Festival de Almada. A encenação é de Joaquim

Benite e a interpretação cabe às cantoras Ana Ester Neves (D. Maria I), Maria Luísa de Freitas (D. Henriqueta e Dama Encarnada), Ana Paula Russo (Dama Verde) e Teresa Cardoso Meneses (Dama Amarela), à actriz Nilma Santos (Rosa), a um conjunto de bailarinos e à Orchestre Utópica, sob a direção do próprio compositor.

Nesta ópera, D. Maria I vive enclausurada num mundo de demência e evasão, na companhia de uma criada negra (Rosa) e em confronto com a gélida Duquesa de Lafões, D. Henriqueta. Entre angústias e alucinações, em situações ora cómicas, ora pungentes, a Rainha é visitada por três damas da corte que lhe traçam um retrato delirante da realidade histórica portuguesa.

O libreto concebido por Alexandre Delgado tem muito poucas alterações em relação ao original, pois "a peça de teatro já funcionava fantásticamente", tirando o facto de o terceiro acto não ter sido colocado em música. "Com os dois primeiros realizei o essencial e, depois do final, que representa a libertação total com a Rosa a dançar a fofa [dança setecentista afro-brasileira de forte sensualidade], não conseguia realizar outro climax", diz.

#### D. Maria reabilitada

A principal razão para longa gestação de "A Rainha Louca" prende-se com o percurso que Delgado fez desde os anos 90 até agora. "Precisava de tempo para entrar no registo exacto. A linguagem que usei em 'O Doido e a Morte', marcada por um certo século XX imaginário e com alusões ao expressionismo e ao modernismo, não iria resultar. 'A Rainha Louca' é um século XVIII imaginário, mas com alusões musicais a muitas outras coisas", explica.

Na composição de "O Doido e a Morte", Delgado nunca usou o piano e fez de cada instrumento uma personagem de teatro, mas "A Rainha Louca" foi escrita ao piano de modo a recuperar uma certa concepção harmónica que, contudo, não impede a procura de um idioma musical pessoal. A orquestração tem paralelos com o conjunto instrumental usado nas óperas de Britten, mas o piano foi trocado pela harpa, pelo cravo e pela marimba, instrumentos associados respectivamente a D. Maria, D. Henriqueta e Rosa.

Outra particularidade reside num tecido musical repleto de citações. "Nem todo o público reconhecerá o tema da forja dos Nibelungos [do "Ouro do Reno" de Wagner], mas a 'Cavalgada das Valquírias' ou a 'Carmen' são inconfundíveis. Também não sei se os melómanos da música clássica e contemporânea, sempre tão sérios, identificarão de imediato o tema do John Williams usado no filme 'O Tubarão' [que aparece ligado ao Marquês de Pombal] ou o tema da Beatriz Costa da 'Aldeia da Roupa Branca'

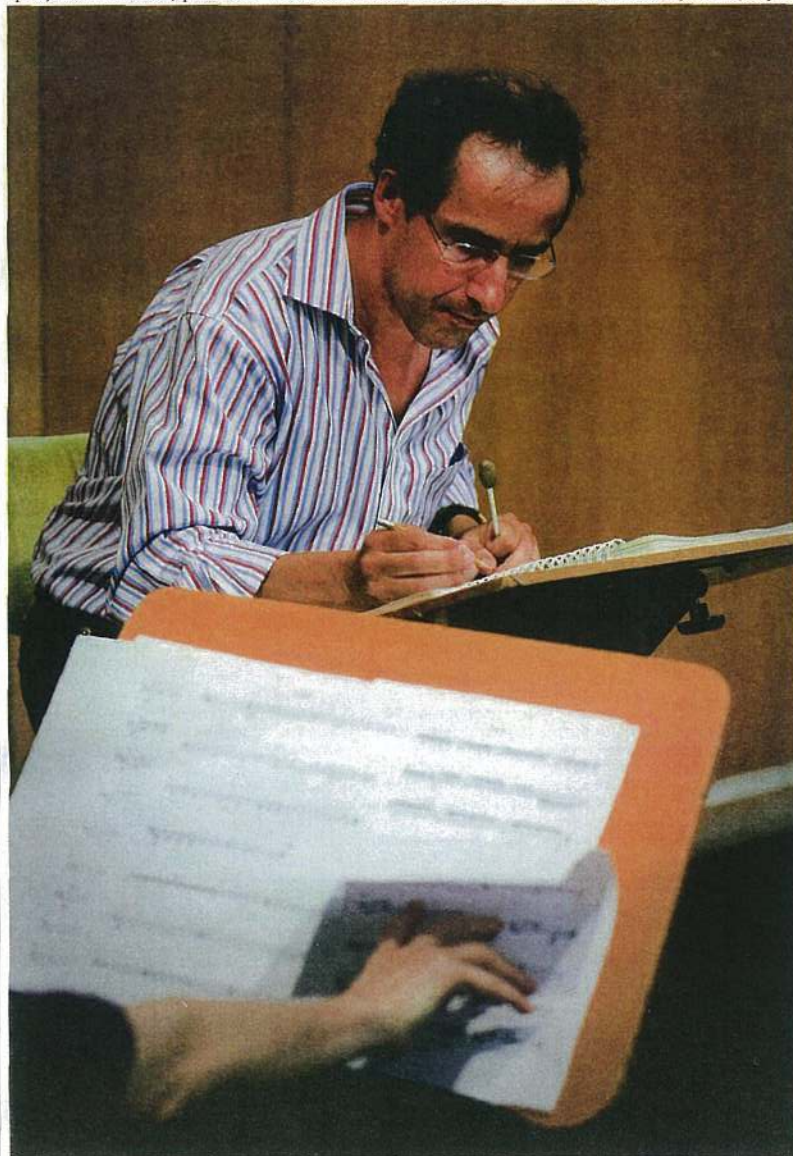
**"D. Maria foi a vítima preferencial da historiografia da Geração de 70, criaram-se mitos que não correspondem à realidade. A Viradeira não foi a coisa sinistra que nos quiseram pintar"**  
Alexandre Delgado

quando se refere a miséria do país", explica Delgado, que diz ter-se divertido muito a jogar com estas referências.

O primeiro acto de "A Rainha Louca" remete para a realidade, mas o segundo é pura alucinação. "Entramos no domínio da 'Alice no País das Maravilhas', uma ideia do Joaquim Benite visível nalguns pequenos elementos cénicos", conta Delgado. "O cenário é muito despojado, mas os figurinos, inspirados no século XVIII, têm um pequeno toque de loucura e as cabeleiras são estronosas." Outra ideia de Joaquim Benite foi transformar os revolucionários franceses, que a Rainha temia que chegassem pela chaminé, em negros de África e do Brasil. "Representam o bom selvagem e vêm libertar isto tudo, dançam como forma de libertação."

Alexandre Delgado tem uma adoração pela personagem histórica de D. Maria I, que vê quase como uma avó. "D. Maria foi a vítima preferencial da historiografia da Geração de 70, criaram-se mitos que não correspondem à realidade. Basta ler a correspondência dela e olhar para as coisas que fez para percebermos que a Viradeira não foi a coisa sinistra que nos quiseram pintar." O compositor recorda que a Biblioteca Nacional existe graças a D. Maria, assim como a Academia das Ciências, a primeira expedição científica à Amazônia e a renovação da Marinha. "A loucura que a afastou do cargo em 1792 teve origem provável num grande sofrimento: o confessor convenceu-a de que o pai ardia no Inferno por causa da perseguição aos jesuítas, num curto espaço de tempo perdeu o marido e dois filhos, e a gota de água foi a Revolução Francesa. D. Maria tinha uma empatia profunda com o ser humano e o povo adorava-a. Projectei muito do meu imaginário, das minhas loucuras, nesta ópera sobre a sua figura. Flaubert dizia 'Madame Bovary c'est moi'. Eu digo que a D. Maria sou eu!"

Ver agenda de concertos pág. 36 e seguintes.



# "A Rainha Louca sou eu!"

Nesta ópera inspirada em D. Maria I e na peça de Miguel Rovisco, Alexandre Delgado projectou um século XVIII imaginário povoado pelos delírios de todos nós. A estreia é hoje, no Centro Cultural de Belém, e integra o Festival de Almada. *Cristina Fernandes*

## LITERATURA E ARTE

*Sunday, July 10, 2011*

Alexandre Delgado, *A Rainha Louca*



Primeiro foram as Luzes de Leonor, a Marquesa de Alorna, sua vida romanceada de um modo próximo (para não dizer mesmo vivido) por Teresa Horta.

E agora, integrada no Festival de Almada, encenada por Joaquim Benite, a ópera que nos é oferecida por Alexandre Delgado, libretista e compositor.

Parte da peça de um jovem dramaturgo que nos deixou um legado de rememoração crítica da nossa História, Miguel Rovisco: *O Tempo Feminino*.

E como que lembrando que somos antigos, cultos e quem sabe loucos, neste momento de crise política e identitária (com uma Europa que afinal...) - surge então esta *Rainha Louca* pela mão de Alexandre Delgado.

Saúdo a iniciativa, saúdo a encenação, tanto mais sóbria quanto mais na loucura da Rainha se avança, a cenografia de apontamento até à cena final, de rodopio semi-expressionista ampliando os gritos e a dança frenética com que desce o pano.

E saúdo o libretista: não é fácil adaptar um texto à composição musical, ainda que se faça como Wagner, que diz que só quando tem tudo bem incorporado na imaginação se lança para a escrita da música e do poema.

Partir de uma peça que já tem linguagem e construção dramática própria é certamente mais difícil. Onde houver excesso, que a peça permite, terá de haver contenção e equilíbrio que

depure o texto sem o deformar, antes condensando as imagens mais fortes que a música por sua vez poderá ampliar.

Deste ponto de vista a escrita de Alexandre Delgado é magnífica: reduz ao essencial o que no palco é dito (cantado) deixando que a nossa imaginação preencha também alguns dos espaços em aberto.

Assim vivemos com a Rainha, votada ao grande isolamento da sua loucura (segundo alguns não era loucura, era uma enorme depressão que lhe tomou conta da vida), os momentos cruciais de um fim de vida. Podemos fixar-nos num conjunto de imagens, que texto e música oferecem, e ajudam a estruturar melhor o sentido.

Esta escolha é a marca de um bom libreto, de uma escrita que conduz, sem perder nunca o fio.

Quando a Rainha, de quem as damas já gritam que está louca, chama pela sua Rosa, a sua Anima negra, sabemos que o fim não tardará.

POSTED BY YVETTE CENTENO AT 8:24 PM

**Crítica de Ópera**

# Drama, divertimento e... ui

**A Rainha Louca**



Ópera em dois actos. De Alexandre Delgado. Orquestrutopica. Direcção musical: Alexandre Delgado. Encenação: Joaquim Benite. Com Ana Ester Neves, Maria Luísa de Freitas, Ana Paula Russo, Teresa Cardoso de Menezes e Nilma Rosa. Lisboa, 8 de Julho, às 21h. Pequeno Auditório do CCB. Sala cheia

Alexandre Delgado partiu de um texto para teatro de Miguel Rovisco (*O tempo feminino*, de 1986) e fez um libreto onde convergem reflexões (e ironias) sobre um país - Portugal -, interrogações sobre a loucura e a condição humana e dados históricos sobre o reinado de D. Maria I. Figura responsável por algumas obras relevantes - a Academia das Ciências ou a Biblioteca Nacional -, D. Maria I

é famosa sobretudo pela longa demência dos seus últimos anos de vida, e a extrema religiosidade que a levou a mandar construir a Basílica da Estrela, em Lisboa.

A ópera de Alexandre Delgado, revendo e resgatando a figura da louca e piedosa D. Maria, viaja por tudo aquilo com assinalável jogo de cintura - a começar pela música, com "sons de um século XVIII imaginário" (das danças da corte à *Marselhesa*) ao lado de citações da cultura popular (da ópera ao cinema), cruzados com uma linguagem própria - tradicional mas consistente - onde há lugar para drama, divertimento e... uma pontinha de loucura. Ainda bem - é refrescante ver como Alexandre Delgado, compositor que toca, músico que dirige, maestro que divulga (e naturalmente se encarregou de dirigir ele próprio a Orquestrutopica), criou uma pequena e bem construída ópera

ligeira, pessimista mas bem humorada, despretensiosa mas séria.

Séria? Claro que a situação política e social portuguesa (hoje como no tempo de D. Maria) se presta ao sarcasmo e à anedota. Mas algo da loucura de D. Maria I é actual: as classes dominantes de hoje, protegendo os seus feudos e fechadas nas suas loucuras, parecem fazer o mesmo que a nobreza de ontem. Tal como a última loucura desta ópera, em que D. Maria quer pedir ao intendente Pina Manique que ponha tijolos na lareira para impedir a revolução francesa de lhe entrar pela chaminé.

Infelizmente, houve momentos em que o texto não passou para fora, fruto de desequilíbrios de intensidade entre vozes e orquestra. Nalgumas ocasiões, o texto perdeu-se, apesar das qualidades vocais de Ana Ester

## na pontinha de loucura



Alexandre Delgado durante os ensaios

Neves (apenas com algumas dificuldades nos agudos no segundo acto). Claro, podiam procurar-se as palavras no libreto no lusco-fusco do pequeno

auditório do CCB. Mas o teatro tem deixas cujo impacto depende da compreensão instantânea, e esta ópera perde força quando uma graça não passa. De

qualquer forma, as cantoras fizeram, na generalidade, um excelente trabalho. Destaquemos Maria Luísa de Freitas, particularmente convincente como actriz e vocalmente confiante nos papéis da "víbora" Henriqueta e, depois, da Dama Encarnada.

A encenação complicou no final inventando uma descosida dança com bailarinos, papagaios e um macaco em palco que não atinge a provocação que supomos que desejaria (cruzando revolução francesa e escravos negros). A dança final da criada Rosa - tão importante no libreto! - não está ali por ser exótica e não parece necessitar de desconstrução pós-moderna. É uma dança de libertação, possibilidade de saída de um mundo enfeudado. "Rosa, ainda aí estás?"

Pedro Boléo

## “Mad Queen Opera:

### Singing Women, Structured Madness and Men’s Power”

JELENA NOVAK

2011.07.14

It is possible to give several different answers to the question: What the opera, “A Rainha Louca”, is about? Declaratively, it is about Maria I of Portugal (1734-1816), the first queen of the country, which became republic in 1910. Still, the opera is about more issues, and further on I will briefly discuss some of them.



An alternative answer to the initial question may be that Alexandre Delgado’s second opera is about women in opera. Indeed, all the roles in this two act piece are female: the queen (Maria I, the queen of Portugal – Ana Ester Neves, soprano), her aid (Henriqueta, the duchess of Lafões – Maria Luisa de Freitas – mezzo), three ladies – green (Ana Paula Russo, soprano), red (Maria Luisa de Freitas – mezzo) and yellow (Teresa Cardoso de Menezes, soprano); and the maid (Rosa, Afro – Portuguese, referred by the libretto in pejorative manner as the black maid, “criada negra” – Nilma Santos, actress). Although not common for

the world of opera, it would not be the first time that contemporary composer decides to make the whole cast feminine. In 1997-98 Louis Andriessen and Peter Greenaway realized “Writing to Vermeer”, in which Vermeer does not appear, but only women, who write letters to him. The first act of “A Rainha Louca” is primarily devoted to the character of Maria I and her mental instability, as well as the confrontational relation with her aid. The second act, dominated by the figures of the three ladies, is more involved in often-ironical reflections on Portugal, and Maria’s contribution to its history and development.

Despite the fact that the opera introduces only female characters and their mutual relations, it should not be forgotten that the libretto was written by a man – Alexandre Delgado himself. Moreover, the libretto is based on Miguel Rovisco’s (1959-1987) play on femininity “O tempo feminino” (1987). Thus, the women characters are represented only through masculine discourse. They are objectified from the masculine point of view whether that point of view is the one by Rovisco, Delgado or of the opera’s stage director, Joaquim Benite. When the opera’s audience becomes aware of this fact, the situation turns intriguing and suggests that actually the opera is not about women, but about how men see women in it. Although it may not seem so at first sight, the roles given to women in this piece are quite common both for conventional opera, and patriarchal society. The first Portuguese queen, Maria I is represented as a mad woman, and it seems like her madness tends to overshadow her power and achievements. The ladies (“as damas”), Henriqueta and Rosa, appear as stereotypes – when they reflect about themselves they

actually speak of women conventional roles in a masculine discourse – that of wives, mothers, lovers and maids. Rosa, “craida negra”, is treated rather as a kind of insignificant creature than a human being. She is not even given the right to sing, so her role is spoken. Even though Rosa barely speaks, she still possesses ‘dangerous’ sensual, corporeal powers, which are revealed at the end of the opera. This point of view is explicitly patriarchal.

Benite’s staging supports the librettist’s point of view on the women on stage. In the first act, which contains numerous dialogues between Maria and Henriqueta, the staging is conventional. It shows the two characters in static postures, almost motionless when singing, like in many hard-core-mainstream opera productions. Moreover, the singing bodies are hidden under the layers of period costumes, wigs and makeup, which suggest realistic approach to the representation of the depicted situations and characters. However, opera and realism are not good friends, at least due to the fact that the characters sing something that in ‘real’ life would not be sung. Thus, the singing itself always ‘denies’ realistic approach and even makes it grotesque. After becoming aware of some of the strategies and procedures that the most intriguing contemporary opera directors started to introduce to the world of opera more than thirty years ago (to mention Wilson, Sellars, Greenaway, Van der Aa, Korot), choosing realistic approach looks as an unnecessary setback. The second act offers a bit more vivid staging due to dynamic dialogues between the ladies, but the (failed) attempt to achieve realism remains. The most intriguing moment of the staging is at the very end when suddenly, almost out of the blue, an ensemble of five half-naked Afro-Portuguese dancers appears in a sensual dance to illustrate Rosa’s exotic fantasies. Although this scene confirms how the Others – non-Western cultures – were (and still are) seen in Europe, and seems politically problematic as such, the scene itself is a proof that fantasy works much better in opera than realism. In this scene the representatives of the Others are Rosa and her Afro-Portuguese fellows. And, objectified women are also the Others for white male heterosexuals – the holders and subjects of power. This is the point, at which the character of Rosa (representative of a non-Western culture) and the character of Maria I (both woman, and mad) are very close to each other despite the social gap between them.

I will now return to the initial question – what is this opera about. So far I have shown how it appears to be about Maria I and about women in opera. Still, it could be claimed that this opera is about madness too. The subject of madness seems to be especially intriguing for Delgado. His first opera was entitled “O Doido e a Morte” (“The Lunatic and Death”, 1993) and “A Rainha Louca” is supposed to be the second part of his opera trilogy about madness. Throughout its history opera was often the place for depicting madness, and mad scenes, especially in connection with women characters, were often included in operas. In the eighteenth century madness was seen as reverse to Reason, and only in the nineteenth century did it become institutionalized as mental illness. Madness defines the limits of social order, and also represents threat, often resulting in the isolation of the ‘mad’. And what happened to Maria I in real life and how it was illustrated in this opera seems to confirm this politics of isolation. However, more than how Maria I was characterized as a mad woman, I am interested in how Delgado’s eclectic music played by OrchestrUtopica and conducted by the composer himself could be theorized as a metaphor of destroying the recognizable order. Delgado’s music explores numerous musical languages. Sometimes it is possible to recognize the quotation, which the composer uses, and sometimes the music only simulates other musical language without quoting it, for example: music by Gabriel Fauré, period minuet music, Wagner’s “Nibelung” motif, fragments of cabaret-like music, Spanish traditional music, etc. Moreover, each of the main characters has an instrument exclusively assigned to its part – that is, harp to Maria, harpsichord to Henriqueta and marimba to Rosa. The eclectic approach is used both in the choice of musical languages and in orchestration procedures (frequent changes of instruments, which introduce the



materials). The situation of bringing together many languages at the end opposes the logic of the language itself. When it is underlined with occasional incomprehensibility of the sung words, the whole construction of the piece appears as questioning the intelligibility of the relation between music and text, and appears in itself as a kind of structure of the madness.

Finally, it could be claimed that “A Rainha Louca” is also about politics. The second act of the opera introduces a text, which questions the achievements of queen Maria (for example by claiming that Basílica da Estrela, which construction she initiated, is nothing more than a reference point), or different insinuations on the status of the state of Portugal in international community. These statements, it seems, often reach contemporary situations. It shows how this opera reflects the matters of daily politics. And in relation to questions of power, “A Rainha Louca” confirms the power of men to represent woman in opera, it confirms the power to decide where madness begins, and finally it exemplifies the power to compose and stage an opera today and to have it performed in one of Portugal’s most respected cultural institutions with excellent singers and a renowned ensemble. All these powers, however, do not pose the most necessary questions that would examine how the art of opera is supposed to embrace the age of new media, and how this should affect opera’s status and function. Thus, despite its good performance and aura of a significant social event “A Rainha Louca” most likely will not leave a striking trace on the global opera map.

# Loucura incompreensível

Estreia auspiciosa, no âmbito do Festival de Almada, da segunda parte da trilogia da loucura, de Alexandre Delgado

Texto Jorge Calado

**E**inegável o talento de Alexandre Delgado para a ópera. Só lamento que a dispersão necessária para ganhar a vida não lhe permita uma maior dedicação à composição teatral. A primeira peça da sua trilogia operática sobre a loucura, baseada em "O Doído e a Morte" (1923), de Raul Brandão, apareceu nos idos de 1994. Para a segunda, agora estreada no âmbito do Festival de Almada, foi buscar "O Tempo Feminino" — parte da "Trilogia Portuguesa", de Miguel Rovisco (1959-1987) —, cuja protagonista é a nossa rainha louca, D. Maria I. Só desejo que não tenhamos de esperar outros 17 anos pela terceira e última parte, dedicada a El-Rei Dom Sebastião, o causador da nossa desgraça. A fina-flor da juventude portuguesa pereceu em Al-

cácer Quibir. Nós somos os descendentes dos estropiados, doentes do corpo e do espírito, que por cá ficaram.

Há muito que D. Maria I (1734-1816) era um personagem à procura de compositor. São os gritos de "Ai Jesus!" da Rainha que assombram o último capítulo (Queluz) dessa obra-prima do romantismo inglês, "Recollections of an Excursion to the Monasteries of Alcobaça and Batalha" (1835), do autor de "Vathek", William Beckford. E é ela — numa criação impressionante de Ana Ester Neves — quem inexoravelmente domina "A Rainha Louca", de Delgado. Diga-se já que a linguagem musical é eminentemente evocativa e dramática, com apropriadas caracterizações tímbricas e harmónicas das figuras principais (todas femininas): a harpa para a protagonista, o cravo para a sua jovem dama de companhia,



\*\*\*

**DELGADO: "A RAINHA LOUCA"**

Neves, Freitas, Russo, Menezes, Santos, Benite (e), Lecat (c, f), Delgado (d), OrchestrUtopica  
CCB, Lisboa, dia 8

Henriqueta (casada com o septuagenário Duque de Lafões, tio da Rainha), e a marimba para a criada preta, Rosa (papel falado), a representante do 'bom selvagem', alegre, criativo e energético. O adorável século XVIII é também ilustrado nos ritmos de dança, do minuete à fofa, que permeiam toda a partitura (essencialmente tonal). O ecletismo estende-se às mais variadas citações (eruditas e populares) — da entrada da Rainha da Noite à *séguédille* da "Carmen", às bandas filmicas e às canções de Beatriz Costa. Com uma orquestra de câmara de uma dúzia de músicos (à maneira de Britten), o todo está muito bem cerzido e a fluência dramática raramente afrouxa. Apenas o final — uma catarse dionisíaca, envolvendo os pretos e as mulatas do Brasil (em vez dos revolucionários republicanos) — soa a falso. É mais fácil começar uma ópera do que acabá-la.

A versátil OrchestrUtopica, dirigida pelo compositor, assegurou a elevada qualidade musical da récita. Com intérpretes escolhidas a dedo, a distribuição resultou quase perfeita. Meus Deus, que distância daquilo que se vê e ouve no São Carlos! Não percebo porque Ana Ester Neves não é uma presença regular no nosso único teatro de ópera. A voz continua belíssima, com um vibrato atraente. O papel é longo e difícil (extenuante no extremo agudo), desdobra-se por *ariosi* e *ensembles* e vai do canto suave aos arroubos mais dramáticos. Neves manteve sempre a dignidade de uma Rainha que nos deu a Academia de Ciências de Lisboa, a Biblioteca Nacional e a Basílica da Estrela. Maria Luísa de Freitas tem, em Henriqueta, a sua melhor interpretação dos últimos tempos. (A Dama Encarnada saiu-lhe, por demais, exuberante). Na Dama Verde, Ana Paula Russo deu um ar da sua graça para a coloratura estratosférica (notável, numa carreira já longa), e Teresa Cardoso de Menezes, na mais desmaiada Dama Amarela, não teve um deslize. Completou o elenco a atriz Nilma Santos, na indispensável criada (preta) ladina — uma ligação óbvia à ópera setecentista ou de tema setecentista.

A encenação de Joaquim Benite primou pela simplicidade e elegância, enquadrada pelos cenários e figurinos de Jean-Guy Lecat (e as gaforinas de Sano de Perpessac). Infelizmente, o pecado original desta ópera está no tratamento musical da prosódia. Não se percebe patavina — nem há sobretítulos que permitam seguir o libreto (de autoria do compositor) —, o que compromete seriamente a sua eficácia teatral. ▽



ANA ESTER NEVES  
NO PAPEL DE D. MARIA I,  
A PROTAGONISTA  
DE "A RAINHA LOUCA"

RU CARLOS MATEUS

## TEATRO

Helena Simões

# Festival de Almada, em dois momentos

**1. ROVISCO CANTADO**  
É sempre bom cultivar a Ópera portuguesa contemporânea, seja qual for o resultado. Só caminhando se caminha. Só fazendo se chega a alguma coisa. Nos últimos tempos, vimos várias tentativas desse género, normalmente nascidas com dificuldades, quer de origem económica, quer de origem concetual, tanto do material artístico como do elenco de cantores, orquestras, espaços. Só de certo modo, tudo isto diz respeito também à única ópera integrada no repertório na 28ª edição do Festival de Almada, *A Rainha Louca*, com música e libreto de Alexandre Delgado e encenação de Joaquim Benite. Portanto, bem vinda.

Começamos peço começo. Curiosamente, apesar do laconismo no programa do espetáculo sobre o autor do texto, o jovem dramaturgo Miguel Rovisco (1959 - 1987) foi, nesses idos anos 80, premiado e admirado pelo seu enorme talento dramático. À origem, pessimista quase integral (quem não se recorda de seu suicídio patético em Belém, na

linha de comboio?), em particular quanto ao futuro de Portugal, Rovisco produziu em três anos fulgurantes (cerca de 20 peças de 1984 a 1987), uma dramaturgia de temática histórica portuguesa, no que poderia designar-se de teatro histórico.

Foi, justamente, *O Tempo Feminino*, pertencente à terceira parte da *Trilogia Portuguesa*, de

Miguel Rovisco, que Alexandre Delgado, compositor e maestro, e também autor do libreto, sentiu necessidade de transformar em ópera, sobremaneira inspirado pela fascinante personalidade de D. Maria I (1734-1816), a monarca portuguesa, filha de D. José, deposta por alegada insanidade mental e a quem devemos obras de grande relevo cultural como a Biblioteca Nacional ou Academia das Ciências.

Anunciado como sendo a segunda parte de um tríptico sobre a loucura, *A Rainha Louca* são dois atos de estrutura musical talentosa que, apesar de carecer de unidade estilística, utilizou uns mini leitmotifs para cenas afins - musicalmente diferenciados e nem sempre felizes. Com isto quero dizer que o método podia até ser válido se resultasse em verdadeira inspiração pessoal. Porém, encontramos momentos realmente interessantes, bem acompanhados

pelas quatro cantoras líricas - Ana Ester Neves, Maria Luisa de Freitas, Ana Paula Russo e Teresa Cardoso de Menezes -, todas com grande lealdade para com essa ópera experimental, sem experimento claramente enunciado.

A qualidade da OrchestrUtópica confirma o seu bom nome, embora me queira parecer que faltaram alguns ensaios de conjunto com os cantores. Tal como faltaram ensaios de luz suficientes para iluminar a cena, cenograficamente



**As obras de arte  
são assim: feitas  
por pessoas, de  
suas qualidades  
e circunstâncias**



A Rainha Louca Dois atos de estrutura musical talentosa

algo complexa e diria, pouco calculada para o efeito desejado.

A encenação de Joaquim Benite, que agora se dedica também à encenação de óperas, sofreu um tanto pelas fragilidades enunciadas, em parte alheios à sua conhecida prática teatral. Quando, na estreia, chegou para o agradecimento dos aplausos, em cadeira de rodas (oxalá por pouco tempo), lembrava o velho Rei Lear, a escolher a mais preferida das suas cantoras, um momento humanamente sublime.

As obras de arte são assim: feitas por pessoas, de suas qualidades e circunstâncias. A produção do Festival de Almada com o CCB e a OrchestrUtópica não será esquecida.



**A RAINHA LOUCA, Ópera de Alexandre Delgado; Libreto de Alexandre Delgado, a partir de “O Tempo Feminino”, de Miguel Rovisco; Direcção musical de Alexandre Delgado; Encenação de Joaquim Benite; Criação do Centro Cultural de Belém e Festival de Almada, Almada, Lisboa (Portugal).**

Excelente criação da ópera “A Rainha Louca”, com música e libreto (a partir de “O Tempo Feminino”, de Miguel Rovisco), da inspirada responsabilidade de Alexandre Delgado, e encenação de Joaquim Benite. “A Rainha Louca” é D. Maria I, que vamos encontrar, no fim da vida, enclausurada na sua dor e loucura. Estamos no final do século XVIII, a Rainha ainda não partiu para o Brasil, onde iria morrer, lamenta a sua má sorte, os funestos acontecimentos em Portugal, e em França, a braços com uma revolução que cortou a cabeça à realeza. Tem à sua cabeceira uma criada negra, Rosa, e a rígida Duquesa de Lafões. É visitada por quatro damas da corte que lhe traçam um retrato pitoresco e delirante da realidade social portuguesa da altura. Uma das damas parece adormecida até se descobrir que está morta. A morte perpassa por estas salas sem janelas.

D. Maria I é vista sob um duplo prisma, ora se sublinha o seu amor às artes e às letras, à educação, como a sua loucura e fanatismo. Mas na hora da morte, José Bonifácio da Silva exaltou “o nobre carácter, o bondoso coração, a prudência de entendimento e a constância de ânimo.” A ópera interessa-se mais pelo retrato da rainha como reflexo de uma época.

A partitura musical é riquíssima e exemplar. As vozes das sopranos e meio soprano são belíssimas (pena não se perceber melhor o texto, que é de boa qualidade) e a encenação de Joaquim Benite sublinha o essencial, com rigor e inventiva, num cenário austero, onde explode a melodia e as paixões abafadas.

Notas do Festival: Compositor e violetista, Alexandre Delgado (Lisboa, 1965) estudou na Fundação Musical dos Amigos das Crianças e foi aluno de composição de Joly Braga Santos e Jacques Charpentier. Tem composições suas para música de câmara, música concertante e música vocal. Autor da ópera de câmara O Doido e a Morte, venceu o 1.º prémio do Conservatório de Nice em 1990 e o Prémio Jovens Músicos em 1987. É director do Festival de Música de Alcobça.

Director do Festival de Almada (que criou há 27 anos) e da Companhia de Teatro de Almada, Joaquim Benite, desde o seu primeiro espectáculo em 1971 (“O Avançado-centro Morreu ao Amanhecer”, de Agustin Cuzzani), encenou mais de uma centena de peças de autores portugueses e estrangeiros. Em 2008, dirigiu, para o Teatro Nacional de São Carlos, a ópera de Mozart “La Clemenza de Tito”. Como reconhecimento público da sua vasta e rica carreira possui numerosas distinções: é Comendador da Ordem do Infante D. Henrique e da Ordem do Mérito Civil de Espanha, e Cavaleiro da Ordem das Artes e das Letras de França. Possui ainda a Medalha de Honra da Cidade da Amadora, a Medalha de Ouro da Cidade de Almada, a Medalha de Mérito do Distrito de Setúbal e a Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura.

Intérpretes: Sopranos Ana Ester Neves, Ana Paula Russo e Teresa Cardoso Meneses, Meio-soprano Maria Luísa de Freitas, e a actriz Nilma Santos, OrchestrUtópica; Correpetidores João Paulo Santos, Jan Wierzba; Cenário e figurinos: Jean-Guy Lecat; Desenho de luz: José C. Nascimento; Col. Coreográfica: Jean Paul Bucchieri; Dir. de montagem: Carlos Galvão, Guilherme Frazão; Caract. e cabeleiras: Sano de Perpessac; Ass. de encenação: Rodrigo Francisco; Ass. de cenografia e figurinos: Joana Ferrão; Ass. de produção: Paulo Mendes; Língua: Português; Duração 1H15. Estreia absoluta.

Publicada por Lauro António em 7/14/2011 07:53:00 PM 0 comentários ✎

Etiquetas: 2011, Dia Mundial do Teatro